



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 16, n. 3, art. 11, p. 211-224, mai./jun. 2019

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

http://dx.doi.org/10.12819/2019.16.3.11

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



D(N)Os Sentidos que se Marcam nos Dizeres de Ontem e Hoje: A (R)Existência da Mulher

About the Senses that are Marked in the Words of Yesterday and Today: The (R)Existence of the Woman

Elaine Pereira Daróz

Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense

E-mail: lainedaroz@gmail.com

Lucília Maria Abrahão e Sousa

Doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo

Professora na Universidade de São Paulo

E-mail: luciliasousa@gmail.com

Dantielli Assumpção Garcia

Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná

E-mail: dantielligarcia@gmail.com

Endereço: Elaine Pereira Daróz

Universidade de São Paulo - Avenida Bandeirantes, 3900, Bairro Monte Alegre, CEP 14040-901, Ribeirão Preto-SP. Brasil. Pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP/FFCLRP), sob supervisão da Profa. Dra. Lucília Maria Abrahão e Sousa, e apoio da Fapesp (Protocolo no 2018/13017-2).

Endereço: Lucília Maria Abrahão e Sousa

Universidade de São Paulo - Avenida Bandeirantes, 3900, Bairro Monte Alegre, CEP 14040-901, Ribeirão Preto-SP. Brasil.

Endereço: Dantielli Assumpção Garcia

Rua Universitária, 1619, Jardim Universitário. CEP: 85.819-110, Cascavel-PR. Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 25/01/2019. Última versão recebida em 13/02/2019. Aprovado em 14/02/2019.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Inúmeros dizeres sobre a mulher são postos em circulação na mídia, regularizando uma memória acerca da mulher na esfera social. Considerando que História e Memória se entrecruzam, e produzem os seus efeitos nas práticas dos sujeitos, propomos uma análise dos efeitos de sentidos sobre a mulher que se fazem presentes no discurso jornalístico, em sua modalidade *online*. Sob a luz dos pressupostos da Análise de Discurso de linha francesa, buscamos compreender como um imaginário sobre a mulher sustenta-se em nossa sociedade. Para isso, tomamos como *corpus* analítico reportagens disponíveis na internet acerca da cobertura sobre as manifestações ocorridas no Brasil, no Dia Internacional da Mulher. Em nossas análises, realizadas no batimento entre teoria e prática analítica, observamos que, embora o discurso analisado possibilite alguma visibilidade para o movimento em prol das mulheres, os sentidos que nele se inscrevem operam no sentido de questionar a legitimidade do movimento e, por conseguinte, das demandas das mulheres na contemporaneidade. Visto que esses dizeres produzem um imaginário de mulher, propomos uma ressignificação desses sentidos, considerando que, pensamos, possuem implicações nas posições que a mulher pode/deve ocupar no seio social.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Mulher. Memória. Discurso Jornalístico.

ABSTRACT

Numerous discourses about women are put into circulation in the media, regularizing a memory about the feminine in the social sphere. Considering that History and Memory intersect themselves, and produce their effects on the practices of the contemporary subjects, we propose in this work an analysis about the effects of senses about woman which are present on online journalistic discourse. In the light of the assumptions of French Line Discourse Analysis, we aim understand how an imaginary about woman is regularized in our society. For thus, we analysed discourses published on internet accord the International Womens' Day. Through our gesture of analyze, realized on the beat of theory and practice analytical, we observed that, although the discourse analyzed makes possible an visibility to the movement in favor of woman, the senses inscribed in it act promoting doubts about the legitimacy of it and, then, the needs of woman in the contemporaneity. Considering that these discourses produce an imaginary of woman, we propose a redimensioning of these senses which, we think have consequences on the environmental practices, especially concerned with the positions that woman can/should occupy in the society.

Keywords: Discourse Analysis. Woman; Memory. Journalistic Discourse.

1 INTRODUÇÃO

Inúmeros são os dizeres que circulam em nossa sociedade, sustentados em uma memória que se filia a um discurso patriarcal sobre o que é ou não ser mulher¹ e o que ela deve/pode ou não fazer, pensar para legitimar sua posição na sociedade. Em nosso trabalho, tomamos uma reportagem jornalística que circulou no portal online G1 sobre uma manifestação de mulheres que ocorreu no Dia Internacional da Mulher, no ano de 2017.

O Dia Internacional da Mulher, façamos um parênteses aqui, tem como um dos seus objetivos colocar em circulação dizeres de/sobre as conquistas sociais, políticas e econômicas das mulheres advindas das lutas femininas do século XIX e início do século XX, nos Estados Unidos e na Europa. O reconhecimento de sua relevância pelas Organizações das Nações Unidas (ONU), na década de 1970, proporcionou maior visibilidade e força ao movimento celebrado em 8 de março, possibilitando a manutenção e o avanço das conquistas ainda urgentes no século XXI. Como mostramos em Garcia e Sousa (2014), associa-se o Dia Internacional da Mulher a uma memória de greves e mortes, isso já registra de saída o quanto esse tema mobiliza forças em rota de colisão nas estruturas sociais, marcando posições discursivas que, de um lado, reivindicam direitos e avanços e, de outro, tencionam modos de silenciar e conter tais efeitos. Uma das histórias mais conhecida é de uma greve ocorrida em Nova York no ano de 1857, na qual 129 operárias morreram após os patrões terem incendiado a fábrica ocupada. Outra que também é retomada como forma de sustentar a criação do Dia Internacional da Mulher é o incêndio ocorrido na fábrica têxtil *Triangle Shirtwaist Company*, no dia 25 de março de 1911. Contudo, de acordo com Blay (2001, p. 605), Clara Zetkin (1857-1933) – alemã, membro do Partido Comunista Alemão, deputada em 1920, militante do movimento operário e de mulheres – propôs, em 1910, no II Congresso Internacional de Mulheres Socialistas, em Copenhague, a criação de um Dia Internacional da Mulher. Nas palavras de Blay (2001, p. 605):

No Brasil vê-se repetir a cada ano a associação entre o Dia Internacional da Mulher e o incêndio na Triangle, quando na verdade Clara Zetkin o tenha proposto em 1910, *um ano antes do incêndio*. É muito provável que o sacrifício das trabalhadoras da Triangle tenha se incorporado ao imaginário coletivo da luta das mulheres. Mas o processo de instituição de um Dia Internacional da Mulher já vinha sendo elaborado pelas socialistas americanas e européias há algum tempo e foi ratificado com a proposta de Clara Zetkin.

¹ Sabemos, pelos estudos e discussões feministas e de gênero (DAVIS, 2016; BUTLER, 2017), que não há a categoria universal *mulher*, isto é, “A” mulher não existe, mas sim mulheres, no plural, com suas especificidades (de raça, etnia, classe, sexualidade etc.) e lutas. Contudo, como mostraremos neste artigo, no discurso jornalístico que analisaremos, há a sustentação de um imaginário, filiado a uma memória patriarcal, que universaliza as mulheres, apagando suas diferenças e singularidades.

Em 1975, a ONU declarou a década de 1975 a 1985 como a Década da Mulher e reconheceu o 08 de março como o Dia Internacional da Mulher. Mais do que uma simples data, consideramos que essa nomeação situa politicamente esse dizer em um campo bastante significativo, uma organização internacional que enuncia certo estatuto de reconhecimento de direitos. Em 1977, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) reconhece oficialmente essa data como Dia da Mulher, em homenagem às 129 operárias queimadas vivas. De acordo com Garcia e Sousa (2014), ao relacionar a instituição do Dia Internacional da Mulher com as greves ocorridas entre o final do século XIX e início do XX, apesar das inúmeras críticas de teóricas feministas e militantes acerca dessa relação entre greve-incêndio-Dia Internacional da Mulher:

A Unesco legitima a data e faz circular um discurso que apaga as lutas feministas de séculos. Assim, o dia 08 de março passa a ser o Dia Internacional da Mulher. Momento em que a sociedade patriarcal decide homenagear o “segundo sexo”. Contudo, o que os movimentos feministas atuais tentam trazer à tona são as lutas travadas ainda pelas mulheres na sociedade que a violenta, dizendo homenageá-la (GARCIA; SOUSA, 2014, p.176).

Na materialidade selecionada para este artigo, além de analisarmos se há ou não uma retomada, pela reportagem, de uma memória sobre os movimentos de mulheres que sustentam a criação do Dia Internacional da Mulher, tomamos em atenção as repetições e/ou deslizamentos dos sentidos que sustentam os dizeres jornalísticos, bem como as condições sócio-histórico-ideológicas em que foram produzidos, fazendo intervir uma memória relativamente estabilizada sobre a mulher que, pensamos, possuem implicações nas práticas sociais²

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Entre a história e a memória: a regularização dos sentidos sobre a mulher?

Em uma abordagem discursiva, compreende-se que os sentidos não estão fixos na língua, dados a *priori*. Segundo Pêcheux ([1975]1988), é no encontro da língua com a história que os sentidos são (re)construídos. Nesse processo, a memória ocupa relevante papel na

² Este trabalho faz parte do projeto de Pós-Doutorado *Das práticas discursivas às práticas sociais: uma abordagem analítica dos dizeres sobre (e para) a mulher no entrecruzamento dos discursos de ontem e hoje*, financiado pela FAPESP (Proc nº 2018/13017-2), sob a supervisão da Profa. Dra. Lucília Maria Abrahão e Sousa.

estruturação/regularização dos discursos, visto que possibilita não apenas a retomada de sentidos, mas também a sua ressignificação.

Isto é possível porque, conforme Pêcheux ([1983] 1999), os discursos são estruturados numa relação entre atualidade e memória. Em *O papel da memória*, estudo apresentado no colóquio História e Linguística em 1983, Pêcheux afirma que a retomada dos sentidos pode se realizar por meio de pré-construídos, sentidos já-ditos anteriormente alhures relativamente estabilizados, ou ainda por atravessamento de sentidos no fio do discurso. Segundo o autor (1988 [1975]), é pelo viés da repetibilidade que a ideologia opera o efeito de evidência dos sentidos, tendo em vista a sua naturalização no seio social. Recurso este próprio do discurso midiático, a fim de convencer, persuadir o seu público-alvo.

No século XXI, com o aperfeiçoamento das tecnologias e a mundialização, a mídia exerce grande poder interpelatório aos sujeitos contemporâneos, o que é definido por certo modo de produção da notícia por agências transnacionais sustentadas por corporações cada vez insistentes em enodar efeitos de informação, entretenimento e publicidade tidos como evidentes. Com a velocidade das informações, a mídia digital, em especial, faz circular determinados sentidos, que retomam aos leitores, quer sob a forma de algoritmos quer por meio de hiperlinks, produzindo um efeito de linearidade do dizer. E tais efeitos passam a ser vistos e considerados registros fiéis da realidade dos fatos como se fosse possível uma representação termo a termo entre a palavra e o mundo. Em relação ao nosso tema, inúmeras discursividades sobre a mulher são postas em circulação no seio social por meio de diferentes espaços de enunciação; isso em especial no espaço digital, esses dizeres se materializam sob forma de *memes*³, reportagens, vídeos dentre outros, regularizando determinados sentidos sobre (e para) a mulher contemporânea. No discurso jornalístico, tomando aqui algumas imagens que circularam na cobertura do Dia Internacional da Mulher⁴, no portal *online* do jornal de notoriedade no país, *GI*, traz à cena a manifestação das mulheres por seus direitos, principalmente, pelo direito de não ser vítima de violência, seja física, psicológica, sexual, patrimonial etc. em virtude de ser mulher, como podemos observar a seguir.

³ No espaço virtual, o *meme* tem como uma de suas funções a propagação de uma ideia ou comportamento pela utilização de imagem, informação ou ideia. Ancorado em um discurso humorístico, na maior parte das vezes, o *meme* se propaga rapidamente na internet, possibilitando não apenas a retomada de sentidos relativamente estáveis, como abre espaço para a ressignificação de sentidos outros na esfera social.

⁴ Essa reportagem se refere à cobertura jornalística do Dia Internacional da Mulher, no ano de 2017, período em que iniciamos a coleta dos dados.

Mulheres fazem manifestação contra violência em praça de Cuiabá. A organização do ato e a PM não estimaram o número de participantes. Em 2016, mais de 40 mil casos de violência contra a mulher foram registrados

Figura 1 – Protesto ocorreu nesta quarta-feira (8), na Praça Ipiranga, no Centro de Cuiabá



Foto: André Souza/G1⁵

Embora a reportagem se realize com o fim de colocar em pauta o movimento das mulheres nesse dia memorável, observamos, na Figura 1, uma reprodução de uma imaginária relação controversa entre homens e mulheres que se materializa nas lentes do fotógrafo pelo afastamento de um homem isolado de um certo número de mulheres, que se mobilizam para manifestarem-se contra a violência patriarcal de gênero de que são vítimas todos os dias. Em consideração à confluência dos elementos linguísticos e extralinguísticos (materialidade significante), compreendemos que os sentidos que ali se materializam possibilitam um feixe de efeitos heterogêneos sobre a mulher. Embora o enunciado discursivize que “mulheres fazem manifestação”, não observamos na imagem o que é recorrente e dominante em marchas, manifestações e/ou atos políticos com faixas erguidas, bandeiras levantadas e deslocamento, pronunciamentos e declarações orais em microfones, por exemplo.

Observamos a praça com mulheres, algumas ao celular, outras conversando, uma próxima a uma criança. Na imagem, podemos observar, ainda, que o distanciamento do fotógrafo ao captar a imagem produz um efeito de vitimização do homem, fotografado com os olhos fitos no chão, aparentemente cabisbaixo em detrimento da sua atenção às necessidades

⁵ Créditos da imagem ao repórter fotográfico do portal G1 online, André Souza, durante a cobertura da manifestação das mulheres no Dia Internacional da Mulher. Disponível em <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2017/03/mulheres-fazem-manifestacao-contraviolencia-em-praca-de-cuiaba.html>. Último acesso em 27 dez. 2018.

das mulheres expostas no movimento, materializadas no cartaz. Um cartaz que, diga-se de passagem, está deitado no chão, caído e sem uma posição que favoreça que ele seja lido, que ele denuncie, que ele mostre a autoria daquele dizer, que ele faça amplitude da condenação da violência. Apenas quem dele se aproxima pode ver, ler e alcançar o que está ali; nós, por exemplo, ficamos a imaginá-lo.

As mulheres, por sua vez, postas em segundo plano na imagem, direcionam os sentidos ainda para uma homogeneização dos participantes como uma massa amorfa, num movimento de invisibilização dessas mulheres na formação social, em apagamento das questões das e para as mulheres postas em jogo na manifestação. A invisibilização aqui parece ser de questões de raça, classe, gênero, sexualidade entre outras. Há uma universalização, pela imagem, das mulheres que podem ser vítimas de violência, não marcando que a violência contra a mulher é afetada por questões de classe, raça, sexualidade. A reportagem é, em grande parte, marcada por em citação direta, indicada pelas aspas – como observável em sua íntegra⁶, e reproduções dos discursos das mulheres presentes na manifestação numa possível desresponsabilização do jornalista acerca dos dizeres que ali se presentificam. No entanto, a sua posição se marca, em diversos momentos, pelo modo como se enuncia. Dentre as questões postas pelas mulheres na manifestação está a violência sofrida, colocada em destaque no olho da reportagem.

Figura 2 - Manifestantes simularam hematomas nos rostos com maquiagem



Foto: André Souza/G1⁷

⁶ Disponível em <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2017/03/mulheres-fazem-manifestacao-contraviolencia-em-praca-de-cuiaba.html>. Acesso em 28 dez. 2018.

⁷ Assim como na Figura 1, os créditos da imagem são do repórter fotográfico do portal G1 online, André Souza, durante a cobertura da manifestação das mulheres no Dia Internacional da Mulher. Disponível em:

Na Figura 2, temos a materialização de uma das formas de violência sofrida pelas mulheres, a violência física sofrida por muitas mulheres (em especial no ambiente doméstico) que é tomado no enunciado do repórter pelo verbo **simular**: **as mulheres simularam hematomas** (grifo nosso).

Em contraposição a uma relação termo a termo, cujos sentidos se fixam na língua, de acordo com Pêcheux ([1975] 1988), os sentidos se estabelecem na relação intrínseca entre sujeito e língua. Nessa relação, a disputa pela regularização de uma memória do dizer se presentifica no seio social pela retomada de determinados sentidos, enquanto sentidos outros são silenciados, condizentes com o seu tempo e, sobretudo, com os interesses da ordem vigente. Isto nos diz da historicidade inerente às palavras sustentadas em seu âmago pelo que se marca como constitutivamente ideológico. Em muitas sociedades, a regularização da memória do dizer se marca pela dicionarização dos termos, numa tentativa de aprisionamento dos sentidos a serem lembrados. Nesse movimento de incorporação/assimilação dos sentidos, os sujeitos discursivos são convocados a tomarem os seus lugares na esfera social. Para melhor compreendermos o direcionamento dos sentidos que se marcam no dizer do repórter jornalístico, atentamos para as possibilidades de leituras do verbo “simular”, utilizado pelo repórter jornalístico na cobertura da matéria sobre o manifesto das mulheres.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dentre os sentidos possíveis, encontramos disponíveis, na rede mundial de computadores, algumas das possibilidades de interpretação em um dicionário de sinônimos, derivando, inclusive, para o termo simulação: **simular = Fingir ser real o que não é; representar; encenar; para simulação = falsidade, hipocrisia, dissimulação, artifício.** Para o dicionário *online* Priberam, o verbo simular, como verbo transitivo (exige complemento, portanto) é o mesmo que “fingir, fazer o simulacro de, fazer parecer real (o que não é)”, complementando as palavras relacionadas: simulamento, simulação, simuladamente, simulado.⁸ Isso coloca em dúvida aquela violência ali meramente representada, fingida ser real o que, no discurso jornalístico, amortece os efeitos do trágico da violência física

<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2017/03/mulheres-fazem-manifestacao-contra-violencia-em-praca-de-cuiaba.html>. Último acesso em 03 dez 2018

⁸ Ao recorreremos aos dicionários na versão *online*, tomamos em atenção a abrangência dessas informações no ambiente virtual, alcançando um público heterogêneo com diferente classe social, sexo, idade, cultura etc.

endereçada à mulher; mais ainda, faz o tema parecer algo ensaiado, maquiado e encenado. Coisa do campo da ficção e não da realidade de tantas mulheres no país.

Na imagem da Figura 2, podemos observar que a mulher é fotografada com o olhar de esguelha, sem olhar a câmera, nem o repórter fotográfico. Na cultura ocidental, o olhar é, muitas vezes, significado como o espelho capaz, assim, de revelar o mundo interior, isto é, os segredos da alma. Por esse prisma, regulariza-se uma memória no seio social de um dizer de verdade posto em relação à capacidade de fitar os olhos do seu interlocutor; e, doutra forma, tomado como um dizer de mentira o sujeito que não fita os olhos do seu interlocutor ao enunciar. Tomando em atenção à confluência dos elementos linguísticos que, lembramos, aqui nos interessa o verbo simular, à imagem da mulher com o olhar desconfiado, observamos um direcionamento de sentidos ao imaginário de uma mulher supostamente incapaz de fitar a câmera, sendo este um dos sintomas do seu fingimento. Se desconsiderássemos o uso do verbo “simular” na reportagem, esse olhar poderia também ser compreendido como uma espécie de vergonha, medo, receio da mulher de evidenciar pelas marcas em seu corpo ser ela vítima de uma violência patriarcal de gênero.

Enquanto o olhar do leitor, da matéria jornalística em questão, fita a imagem da mulher, chama-nos a atenção o colo à mostra dos seios em camiseta regata, sutiã aparente e, por fim, as marcas de uma violência física contra a mulher. Em atenção às condições de produção do discurso da mídia nessa matéria jornalística, observamos que, por um deslizamento de sentidos, se marca no dizer do repórter uma posição machista (e perversa) perante a causa das mulheres, na e pela qual as mulheres simulam, “fingem ser realidade” a violência doméstica, em seus diferentes níveis, retomando uma memória do dizer da negação dessa violência na formação social, ou até mesmo uma justificativa (i)lógica para tal, em apagamento da dor sentida por essas mulheres. Por essa via, o dizer do repórter traz à memória o imaginário de mulher constitutivamente pecaminosa, trazendo à cena uma suposta habilidade, então constitutiva da mulher, de fingir, sendo este o seu mal que a constitui. Assim, por fingir, mereceria ser vítima da violência que diz denunciar. A reportagem apaga, de certo modo, as lutas feministas que instauraram o Dia Internacional da Mulher. As imagens parecem deslegitimar sua posição na sociedade e suas lutas pelo fim da violência contra mulher. Parecendo retratar as lutas, a reportagem jornalística violenta, pelo olhar do fotógrafo, a mulher.

Sob a suposta neutralidade própria do discurso midiático, o cuidado de o fotógrafo colocar em destaque o adesivo colado na blusa, junto ao seio da mulher, marca a posição político-partidária da manifestante, significada na imagem pelo adesivo LULA – o principal

representante do Partido dos Trabalhadores. Entretanto, a imagem, agregada ao discurso do repórter, marca, ainda, uma posição ideológica da instituição a que se inscreve o jornalista; supostamente contrária à da manifestante. Observamos que, ainda que sob a forma de não-dito, o discurso jornalístico em questão promove um direcionamento dos sentidos para um imaginário de mulher, em especial a mulher que se filia ao projeto político-partidário de esquerda, que finge, que mente e, por isso, não merece credibilidade, a despeito de qualquer reivindicação. Sentidos esses que respondem às demandas da ordem vigente de uma sociedade capitalista, em contraposição aos sentidos inerentes socialismo, comunismo e outras filiações ideológicas.

Um dos pilares da sociedade capitalista é a tríade tempo-trabalho-lucro, visando, assim, à profissionalização e ao lucro, portanto, dos sujeitos nela inscritos. Embora a maior parte do corpo do texto seja composta por citações diretas de manifestantes, a posição discursiva do repórter – filiado aos sentidos ideológicos do capitalismo – é demarcada pela identificação nominal (ou pela sua ausência) no que se refere às manifestantes entrevistadas. A profissional Naiana, psicóloga, é identificada nominalmente na reportagem e coloca em funcionamento algumas das pautas das lutas das mulheres: contra a violência, o machismo, o racismo. No dizer da psicóloga, o que é apagado nas imagens (a resistência feminina – e aqui podemos pensar por que não feminista, uma vez que as lutas de mulheres, inúmeras vezes, estiveram relacionadas a movimentos de militantes feministas. Ao usar o “feminina”, uma outra filiação de sentidos historicamente constituídos funciona aqui. De certo modo, coloca-se em destaque uma característica da mulher – ser feminina – mas não se diz qual mulher resiste: somente a mulher cisgênera? A mulher trans? é posta em funcionamento:

“O dia 8 de março marca a memória da resistência feminina. Neste dia relembramos as mulheres que vieram antes de nós e, acima de tudo, reivindicamos os direitos que ainda são negados”, **declarou a psicóloga Naiana** Gonçalves, de 22 anos (GARCIA; SOUSA, 2014).

“Lutamos contra a violência física, o machismo, o racismo e também contra a violência do estado contra a mulher”, **afirmou Naiana**. (GARCIA; SOUSA, 2014).

Doutra sorte, não há a mesma identificação à outra entrevistada, também manifestante, posta em anonimato na reportagem, cujo dizer ressalta o caráter religioso de matriz africana:

Com cartazes e faixas, **as manifestantes** marcharam pela Avenida Tenente Coronel Duarte, a Prainha, em direção à Praça da República, no Centro de Cuiabá. No trajeto, **uma performance “evocou os espíritos de mulheres que morreram por causa da violência”** (GARCIA; SOUSA, 2017a).

O efeito de invisibilização das mulheres é observado ainda na reportagem jornalística do portal de notícias brasileiro; efeito, esse, produzido pelo termo “manifestantes”, em sua forma plural, trazendo em seu cerne uma homogeneização das pautas, demandas e desejos das participantes do movimento, cujas especificidades delineiam o caráter heterogêneo de suas necessidades, e da existência feminina, por assim dizer. E, ainda mais, o diverso na própria diferenciação dos vários movimentos de mulheres que existem hoje no país com suas pautas específicas e diferentes entre si.

Uma das especificidades da Análise de Discurso de linha pecheutiana é intentar compreender como em um dizer não-ditos produzem sentidos e deixam vestígios de outras formulações que sustentam o que se diz. Isto porque, segundo Pêcheux ([1975] 1988), é próprio da ideologia dissimular o seu funcionamento na linguagem sob o espectro de uma suposta neutralidade do dizer e transparência da linguagem. Pautado pela ilusória transparência da linguagem, o dizer da mídia materializa-se sob o espectro de uma verdade absoluta, respondendo à necessidade do sujeito pragmático de “um mundo semanticamente estabilizado” (PÊCHEUX, 1999, p.33). Por meio de um discurso circular, próprio da internet, os sentidos sobre e para as mulheres são, muitas vezes, reproduzidos, produzindo um imaginário de mulher, com efeitos nas práticas sociais.

Acerca dos efeitos da internet nas relações sociais, (GIORGENON; SOUSA; PACÍFICO, 2014) afirmam que o espaço cibernético funciona como um espaço de íntima conexão entre o sujeito contemporâneo e a realidade (virtual e física), por meio de um espelhamento de si, produzindo um deslumbramento no sujeito contemporâneo, como um efeito produzido pelo jogo de imagens-alteridade ao outro e ao mundo de que o espaço cibernético é capaz. Nesse jogo que se estabelece na língua, no discurso, portanto, a disputa pela regularização de sentidos direciona os sujeitos à estabilização de uma memória do dizer, e não outra, sobre a mulher na atualidade, cujos efeitos, pensamos, incidem sobre as práticas sociais que, muitas vezes, deslegitimam suas posições e seus dizeres, dizendo estar a mulher “simulando”, “fingindo” ser vítima de violência em virtude de seu gênero.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação antagônica entre homem e mulher é discursivizada na reportagem do portal de notícias brasileiro G1 que, em cobertura ao acontecimento histórico do Dia Internacional da Mulher, coloca em xeque a legitimidade do movimento e faz intervir uma memória do dizer acerca das (não) conquistas políticas e sociais das mulheres, com implicações nas

práticas sociais, em especial no que concerne ao lugar que a mulher deve (ou não) ocupar na esfera social.

Na discursividade analisada, observamos que a mulher é significada por meio de um olhar masculino que a torna imagem, que a define em legendas e chamadas e que a situa discursivamente de um modo, silenciando outras possibilidades de dizer; assim, cristaliza-se a regularização de uma certa memória sobre ela, cujo dizer se marca por uma invisibilização da mulher, de sua voz, das pautas e agendas dos movimentos feministas e suas demandas na atualidade. Assim sob um discurso aparentemente neutro e (con)fiável, os dizeres sobre a mulher atuam num movimento de dessubjetivação da mulher, com vistas a uma padronização de comportamento dos sujeitos contemporâneos, em especial no que concerne ao lugar de submissão, e inferior, portanto, que a mulher (deve) ocupa(r) na esfera social.

Nos dias atuais, a mídia ocupa um lugar de relevância na produção de sentidos, tendo em vista a capacidade de propagar informações a um público diverso, e em diferentes contextos, sociais, linguísticos e até culturais. A exacerbação desses dizeres/sentidos sobre a mulher na rede digital regulariza uma memória do dizer, possibilitando um imaginário sobre a mulher. Ao trazermos essas análises, buscamos perceber como o discurso jornalístico colocou em funcionamento, também pela via da violência, um dizer sobre as mulheres que apaga/deslegitima, mesmo estando essas mulheres nas ruas reivindicando seus direitos, principalmente, um direito à vida, ao corpo, às suas lutas. Sustentando noticiar as manifestações das mulheres no Dia Internacional das Mulheres, o discurso jornalístico analisado violento, pelas escolhas das palavras usadas, pelo olhar do fotógrafo, simbolicamente a mulher.

A repetibilidade com que os discursos sobre as mulheres circulam na mídia, em especial na mídia digital, promove um efeito de linearidade desses dizeres, muitas vezes, significados como única possibilidade de leitura dos sentidos que ali se inscrevem. No entanto, o espaço virtual tem como uma de suas especificidades uma heterogeneidade de sentidos que se materializam em diferentes comunidades virtuais. Em contraposição a esses dizeres sobre (e para) as mulheres, relativamente estabilizados no seio social, há movimentos de e para as mulheres no ciberespaço que, segundo afirma Garcia e Sousa (2014), trazem uma atualização de dizeres sobre o sujeito feminino, fazendo intervir uma memória sobre a mulher em contraposição a esses discursos relativamente estabilizados.

Em memória à luta histórica das mulheres pelos seus direitos, o Dia Internacional da Mulher é significado como um lugar de acolhimento de mulheres, um lugar de memória que traz em seu âmago o direito à voz, e, muitas vezes, de sua própria existência na esfera social.

Memória essa que o discurso jornalístico apagou. Neste trabalho, por fim, buscamos, rememorar as disputas travadas pelas mulheres em diferentes espaços discursivos que, a seu tempo, permitiram (e permitem) uma resignificação das suas posições no seio social, em resistência aos lugares a elas ideologicamente determinados.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Análise crítica da teoria marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- BLAY, E. A. 8 de Março: conquistas e controvérsias. **Estudos Feministas**, Santa Catarina, v. 9, n. 2, p. 601-607, 2001.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- HOLANDA, Aurélio Buarque. **Dicionário**. Disponível em <https://dicionariodoaurelio.com>
- DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/similar/>. Último acesso em 03 dez 2018.
- GARCIA, D. A; SOUSA, L. M. A. E. **Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço**. Conexão Letras. A noção de arquivo em Análise do Discurso: relações e desdobramentos / Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. - Vol. 9, n. 11. - Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.
- GARCIA, D. A; SOUSA, L. M. A. E. “Me parabenizar 1 dia é fácil, quero ver me respeitar nos outros 364”: uma análise discursiva do dia 08 de março. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 170-197, 2014.
- GIORGENON, D; ABRAHÃO E SOUSA, L. M; PACÍFICO, S. M. R. Sujeito, corpo e um espelho (cibernético): a memória em imagem e em discurso. *Revista Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 46.1, p. 81-97, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v46n1/v46n1a07.pdf>. Último acesso em 02 jan 2019.
- HERCULANO, A. *A dama pé-de-cabra*. Disponível em <http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/alexandreherculano/adamapedecabra.htm> último acesso em 04 dez 2018.
- HOLANDA, A. B. **Dicionário**. Disponível em <https://dicionariodoaurelio.com>.
- ORLANDI, E.P. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990

_____. Papel da memória [1983]. In: ACHARD, P. (Org.) **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

_____. [1975] **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1988.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

DARÓS, E. P.; SOUSA, L. M. A.; GARCIA, D. A. D(N)Os Sentidos que se Marcam nos Dizeres de Ontem e Hoje: A (R)Existência da Mulher. **Rev. FSA**, Teresina, v.16, n.3, art. 11, p. 211-224, mai/jun. 2019.

Contribuição dos Autores	E. P. Darós	L. M. A. Sousa	D. A. Garcia
1) concepção e planejamento.	X	X	
2) análise e interpretação dos dados.	X	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X	X